

(transcrição)

Payerne (Suíça), 26 de setembro de 1982

A unidade

[...]

As várias espiritualidades que surgiram na Igreja ao longo dos séculos (falo das católicas, porque conheço melhor, mas certamente também as de outras Igrejas) podem exprimir-se com uma única palavra, que as sintetiza. Por exemplo, podemos dizer que, para a espiritualidade franciscana é: a pobreza, embora não exprima tudo; para a espiritualidade dos jesuítas talvez a palavra seja obediência; para a de Santa Teresa de Ávila: a oração. Portanto, com uma palavra se pode exprimir uma espiritualidade, uma corrente espiritual na Igreja.

Ora, sem nos compararmos com os santos (que seria impossível!), podemos exprimir realmente a nossa espiritualidade, a do Movimento dos Focolares, com uma palavra: unidade. A palavra "unidade" sintetiza a nossa espiritualidade.

E a este propósito temos que esclarecer uma coisa.

Quem é que faz a unidade? A unidade é feita de modo essencial e verdadeiro por Deus, unicamente por Deus. A unidade é uma coisa grande demais. A unidade é o ideal de Jesus; ele veio à terra para realizar a unidade de todos os homens com o Pai, através dele, e a unidade entre os homens. É o ideal de Jesus. É ele que constrói a unidade. E a Igreja, que continua Cristo, com a graça de Deus, também realiza a unidade dos homens com Deus e entre eles.

Portanto, a unidade não pode ser feita por nós. A unidade é obra de Deus, é um dom de Deus, uma graça de Deus. E nós, então, o que podemos fazer? Nós podemos corresponder a esta vocação universal de todos os homens à unidade. Podemos fazer tudo o que depende de nós para que a unidade triunfe realmente no mundo; aliás, é essencial fazer a nossa parte.

Mas existem indícios particulares que demonstram que o nosso Movimento é mesmo chamado a ajudar os homens a realizar a unidade?

Para identificá-los, como sempre nos sugeriram os nossos superiores eclesiásticos e a Igreja, procuremos voltar aos tempos em que nasceu o Movimento, quase quarenta anos atrás - este é o trigésimo nono! - para ver se existem sinais desta vocação à unidade; se encontramos episódios, fatos, ou escritos.

Pois bem, recordamos imediatamente alguns episódios, sobretudo dois.

Lembro que, durante a guerra, eu me reunia com as primeiras focolarinas num subterrâneo e levávamos sempre o Evangelho conosco. Uma vez abrimos o Evangelho precisamente em São João, capítulo 17, na oração de Jesus pela unidade. Éramos jovens como os de agora. E lemos aquela página toda de uma vez. Mas eis a admiração, a surpresa: aquelas palavras tão difíceis (são umas das mais difíceis do santo Evangelho) pareciam iluminar-se uma a uma e tínhamos a impressão de entendê-las, de compreendê-las, de colher o significado delas. Porém, o que entendemos imediatamente foi isso: esta é a Carta Magna, é o programa do Movimento que está para nascer. Ainda não chamávamos de Movimento. De algo que está para nascer. Poucos dias depois reunimo-nos ao redor de um altar (éramos 6 ou 7, agora somos muitos aqui) e pedimos a Jesus a graça de nos ensinar a realizar a unidade e que fizesse de nós, se era a sua vontade, instrumentos de unidade.

Depois, lentamente, pouco a pouco, pareceu-nos que o Senhor ia nos sugerindo as primeiras idéias sobre o modo de construir a unidade.

E são importantes! Porque agora digo quais são e assim sairemos todos daqui sabendo como viver a unidade.

Encontramos estas ideias numa folhinha de papel que se conservou. Muitas coisas foram queimadas, destruídas, mas conservamos este papel com alguns apontamentos. São notas de um breve

discurso que fazíamos naquele tempo entre nós. Ali se diz que é necessário superar sempre o modo de ver humano e ver os homens com um olhar sobrenatural, ou seja, se observarmos Jesus com um olhar de criança, vamos notar que no fundo ele pediu apenas duas coisas, que se resumem numa: que todos os homens, todos os homens: brancos, negros, pobres, ricos, feios ou bonitos, todos os homens são filhos de um único Pai e são irmãos entre si.

Eis a primeira ideia; a primeira ideia que pode revolucionar a nossa alma se formos sensíveis ao sobrenatural: a fraternidade universal, que nos liberta de todas as escravidões, pois somos escravos das divisões entre pobres e ricos, entre gerações, pais e filhos, entre brancos e negros, entre raças, nacionalidades, até das diferenças entre cantões! Criticamos, criamos obstáculos, barreiras... Não! A primeira ideia é desvincular-se de todas as escravidões e ver em todos os homens, em todos os homens... "Mas também no meu filho? E naquela mulher tão faladeira? Também naquele velhinho curvado? Naquela pobre? Também naquele ali? Nesse aí? Será possível?"

Sim, em todos, em todos, em todos, devemos ver possíveis candidatos à unidade com Deus e à unidade entre nós. É necessário escancarar o coração; destruir todas as barreiras e enraizar no coração a fraternidade universal. Eu vivo pela fraternidade universal. (aplausos)

Portanto, se somos todos irmãos, devemos amar a todos, devemos amar a todos, devemos amar a todos. Olhem, parece uma palavrinha; é uma revolução! Devemos amar a todos. "Também aquela senhora, minha vizinha? Mas me critica, não gosta de mim e é um tipo!". Também ela. Devemos amar a todos.

E naquelas anotações encontramos outras idéias (muito úteis!) que dizem como fazer para amar a todos.

Está escrito: é preciso amar cada próximo. Mas qual? Aquele que passa por nós no momento presente da vida. Portanto: não é um amor platônico, ideal, mas um amor concreto! O meu próximo agora são vocês. O próximo de vocês sou eu e também é aquele que está sentado ao lado, perto de vocês ou na fila atrás. Devemos amar, não de modo ideal e futuro, mas de modo concreto e atual; agora! É preciso amar, é preciso amar.

Então alguém dirá: "Mas o que é que se deve fazer para amar? Como é o amor cristão, como é?"

Naqueles apontamentos há uma palavra que realmente nos faz refletir; eles continuam as primeiras inspirações de Deus. Há uma palavrinha; está sublinhada uma palavrinha, que talvez agora possa escandalizar, mas é uma palavrinha: humildade. Procurar o primado evangélico, colocando-se a serviço de todos.

Amar significa servir. Jesus nos deu o exemplo. Antes de mais com a morte na cruz serviu a humanidade inteira, a que existe, a que existirá e a que existiu. Mas também nos deu outros exemplos quando lavou os pés... Era Deus, não esqueçamos! Era Deus e lavou os pés a nós, a homens! Por conseguinte, nós também poderíamos lavar os pés dos nossos irmãos. Não poderíamos, devemos. É este o cristianismo: servir, servir todos; ver todos como patrões. Se nós somos servos, os outros são patrões. Servir! Servir! Às ordens! Procurar alcançar o primado evangélico, sim, mas colocando-nos ao serviço de todos.

Esta é a segunda ideia que pode revolucionar o mundo, hem?! O cristianismo não é uma brincadeira. O cristianismo é uma coisa séria! Não é uma fachada, um pouco de compaixão, um pouco de amor, umas esmolas. Ah, não, não! É fácil dar esmola para ficar com a consciência tranqüila e depois criticar este, criticar aquele; mandar, oprimir... É fácil. Mas não é isso, não!

E ali, naqueles apontamentos, está uma frase que já mencionei ontem, quando me encontrei com algumas pessoas do Movimento. É uma frase que diz realmente a verdade, porque depois se cumpriu. Diz: "Se pelo menos um grupo, mesmo pequeno, mesmo reduzido de homens fossem verdadeiros servos de Cristo no irmão, em breve o mundo seria de Cristo".

E vocês podem dizer: "É impossível, impossível!" Mas agora vou tentar explicar que não é impossível, não é impossível, porque naquela página se diz muito bem o que se deve fazer para servir; o que fazer para servir.

Vocês dirão: "Mas tenho mesmo que lhe dar um casaco, se ele não tem nenhum? Tenho mesmo que levar para ele o prato à mesa"? Vejam bem, em primeiro lugar o serviço que Jesus pede não é um serviço... assim aéreo, não se trata de um sentimento de serviço, porque se vocês estudarem bem o Evangelho verão que Jesus falava de um serviço concreto com os músculos, com as pernas, com a cabeça. É mesmo preciso servir e não...!

Contudo para servir bem, há duas palavrinhas que são fantásticas e que nunca devemos esquecer. São: "fazer-se um". Fazer-se um, fazer-se com os outros; fazer-se um. É fabuloso! O que significam? Em termos modernos diríamos: "viver o outro", ou seja, não vivermos fechados em nós mesmos, mas "viver o outro". Procurar compreender o outro, os seus sentimentos; procurar levar os seus pesos; procurar compartilhar a sua alegria. Fazer-se um!

"Com os filhos, como fazer? Querem que eu brinque com eles!". Brinque!

Fazer-se um em tudo, em tudo, em tudo, exceto no pecado. Isso não, isso não. Fazer-se um. E dirá: "Quanto tempo perdido ver com ele aquele programa de televisão. Que perda de tempo ir dar um passeio! Não! Não é perda de tempo; é tudo amor, tudo amor, tudo amor! Além do mais é tempo ganho, porque é preciso fazer-se um por amor.

Se hoje todos vocês, todos nós aprendêssemos a fazer-nos um por amor, ou seja, desinteressadamente, já ficaríamos muito satisfeitos. Fazer-se um por amor. Não para ganhá-los a Cristo, nem sequer isso, nem sequer com um interesse sobrenatural; não! Fazer-se um, fazer-se um.

Aliás constatei que, fazendo-nos um com pessoas que talvez não se interessem por Jesus Cristo, fazer-se um partilhando as suas mágoas, as suas dores, que efeito provoca? Que essas pessoas voltam, porque se sentem livres. E continuamos a fazer-nos um até que, até que, até que... até que...!

Este fazer-se um exige a nossa morte, porque não podemos viver para nós mesmos, mas para os outros. Todavia a nossa morte é a vida de Cristo em nós. Então, se Cristo vive em nós, sobre a nossa morte, todos, pouco a pouco, mais cedo ou mais tarde, são atraídos a Cristo, porque Jesus disse: "Quando for elevado da terra, atrairei todos a mim", "atrairei todos a mim". E por isso, quando nós, revivendo Cristo, formos outro Cristo, quando elevarmos na cruz o nosso "eu", isto é, quando anularmos o nosso eu para deixar viver Cristo, pouco a pouco conquistaremos todos. E esta é a grande experiência do Movimento dos Focolares.

Se somos muitos, se já chegamos a 146 nações, que significa quase o mundo inteiro, se estamos presentes mais ou menos em toda a parte, devemos ao amor, devemos ao serviço; é por nos termos feito um sem interesse, sem nenhum interesse, só para amar, só por amor, só por amor. Porque - diz São Paulo - "Fiz-me tudo para todos; com os fracos fiz-me fraco para ganhá-los a Cristo" (1 Cor 9, 22), para ganhar ao menos alguém. Este amor desinteressado é um método apostólico extraordinário, extraordinário! É um método... Eu gostaria (mas não tenho tempo!) de dar exemplos de muitas pessoas que, pelo fato de eu me ter feito um, também eu, pessoalmente, depois quiseram ouvir falar de Cristo, do nosso Ideal, e foram conquistadas a Jesus; ou de outras pessoas com quem tive que fazer-me um, fazer-me um, ajudando-as, mandando-lhes um presente, escrevendo-lhes na Páscoa ou no Natal, ajudando as famílias, porque não queriam saber de nada, sempre por amor, por amor... e talvez depois de trinta anos, desejam ser discípulos de Jesus, vivos, autênticos.

Devemos saber esperar, mas não é só isso. Devemos ter a certeza de que o amor permanece e também no paraíso; por conseguinte é o melhor que podemos fazer.

Devemos fazer-nos um por amor, em tudo exceto no pecado; no pecado não, no pecado não. (aplausos)

Porém, este fazer-se um (como dizia) mais cedo ou mais tarde conquista. E o que acontece à pessoa conquistada? Que também quer amar, também quer fazer-se um e experimenta. Ela procura fazer-se um com todos e também conosco! Então o que acontece? Que somos dois que nos fazemos um, somos dois que nos fazemos um; somos dois que nos fazemos um, que nos amamos realmente como Jesus quer.

Jesus quer que nos amemos até morrer uns pelos outros. Ele não quer que nos amemos ficando à espera de morrer amanhã, depois de amanhã ou ano que vem. Ele quer que morramos agora, quer que vivamos mortos! Mortos a nós mesmos, porque vivos ao amor; quer que vivamos mortos.

Então, quando duas almas se encontram e se amam assim, acontece um fato extraordinário, um fato extraordinário! Como quando dois elementos se combinam e dão origem a um terceiro, que não é a soma dos dois, mas é algo diferente. Assim, quando Antônio e Lívio se amam desta maneira, desta maneira, tendo como medida do amor a morte, quando se amam assim qual é o resultado? Um terceiro elemento. Já não são Lívio e Antônio ou Antônio e Lívio. Não é uma mistura de duas pessoas; não é um grupo de duas ou mais pessoas; é, é, é Jesus, é Jesus! É Jesus! É uma coisa fantástica! "Onde dois ou mais estão reunidos em meu nome - diz Jesus, o que significa neste amor, em Mim -, eu estou no meio deles", isto é, neles. Dois ou mais que se amam deste modo, dão ao mundo, acendem no mundo uma chama: o próprio Cristo, o próprio Jesus, Ele mesmo, o próprio Jesus. É fantástico!

Lembro que quando fazíamos as primeiras experiências deste modo de amar (que eu desejo a todos, sobretudo aos que conheceram hoje o nosso Movimento), ficávamos admiradas, encantadas! Dizíamos: "Oh, a unidade, a unidade, que divina beleza! Não há palavras que a exprimam; não se pode explicar! É Jesus. Vê-se, sente-se, se goza com os sentidos da alma, mas não se pode exprimir! É inefável como Deus. Damo-nos conta sobretudo quando falta; é como se o sol desaparecesse". E a unidade (que é a presença de Jesus no nosso meio) traz o seu Espírito, o Espírito de Cristo, com todos os seus frutos, que são a paz, uma paz nunca, nunca experimentada; a alegria, completamente desconhecida; o desejo de amar; o espírito de heroísmo; luz: faz-nos entender, compreender, faz-nos entender melhor as Escrituras, interpretar melhor os acontecimentos; é o Espírito que guia, é o Espírito Santo, o Espírito de Jesus. Onde há esta unidade, há o Espírito de Jesus com todos os seus frutos. É uma maravilha! É uma maravilha! (aplausos)

Alguém poderia dizer: "Mas pode explicar melhor como é esta presença de Jesus"? Vejam bem, antes de deixar esta terra, Jesus disse: "Eis, eu fico convosco todos os dias até ao fim do mundo". "Eu fico convosco, fico convosco". E Jesus, onde é que está agora? Sabemos: está no seu Corpo, que é a Igreja. Está com os cristãos, porque vive neles, sobretudo com os que o anunciam. Está presente nos sucessores dos Apóstolos. Está na Santíssima Eucaristia. Esconde-se nos pobres, nos doentes, nos fracos. Está na sua palavra. A palavra de Deus é Jesus! Também está presente na comunidade unida em seu nome. Ele está aqui; ele está aqui. Está na comunidade reunida em seu nome. "Onde dois ou mais...". É uma frase que os nossos irmãos evangélicos amam muito: "Onde dois ou mais estão unidos (...), ali estou eu". Jesus está ali.

E nos dias de hoje há uma sensibilidade muito especial a este Jesus, a esta presença de Jesus. É o que afirma Paulo VI ao dizer que o mundo hoje não ouve tanto os mestres, quanto os testemunhos, isto é, os que primeiro vivem e depois é que falam. E diz ainda Paulo VI que, se o mundo ouve os mestres, é porque antes deram testemunho. E podemos compreendê-lo, vendo por exemplo, como é ouvida por toda a parte Madre Teresa de Calcutá. Por quê? Porque tem uma realidade atrás de si; por isso a ouvem e aceitam. E o mesmo se pode dizer de outros testemunhos do nosso tempo.

O fato é que hoje vem em máximo relevo o mandato missionário de São João. Sim, também o mandato missionário que diz para pregar a todas as gentes e batizar, mas agora vem em relevo sobretudo o mandato que diz: "Nisso conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros" (Jo 13, 35).

E nós constatamos isso num modo incrível, quando estivemos na Ásia (hoje falaremos disso) e falamos a todos aqueles budistas, a milhares e milhares de budistas. Eles eram sensíveis à palavra de Jesus, às suas palavras, às suas verdades, às verdades do cristianismo e aderiam com amor! Mas por quê? Porque tinham conhecido em várias partes do mundo grupos de focolarinos e de voluntários, católicos e não-católicos, todos unidos com Cristo no meio deles. E foi Cristo que os tocou. De fato o Evangelho diz: "Que sejam um a fim de que o mundo creia" e eles acreditaram.

É importantíssima esta presença de Jesus. É importante... também aqui na Suíça! Quantas vezes sentimos o desejo de reavivar as estruturas da nossa Igreja: tanto da Igreja católica, como da Evangélica, por exemplo, ou da Igreja dos Velhos católicos. Por quê? Porque são estruturas belas: a paróquia, a diocese. Todavia nem sempre se vive no espírito dos primeiros cristãos, com a unidade, a comunhão dos bens, aquele fervor, aquela adesão à Palavra!

Levemos Jesus às estruturas da nossa Igreja. Levemos Jesus às nossas Ordens e Congregações. Quantas vezes se vêem estes maravilhosos canteiros da Igreja, mas não florescem completamente; falta-lhes um pouco de sol, falta-lhes o amor. Se levarmos ali o amor, veremos maravilhas: um jardim na Igreja.

Quantas vezes as nossas famílias são dilaceradas pelas divisões ou despedaçadas pelas discussões, pelo divórcio, por todas essas coisas. Levemos a presença de Jesus no meio e veremos resplandecer aquela que é, como diz João Paulo II, a "ecclesiola", a pequena Igreja, que é a família.

Levemos Jesus entre as nossas Igrejas: Católica, Evangélica, Velhos Católicos, que estamos aqui. Levemos Jesus no meio. Demonstremos como é verdade que é muito mais o que nos une do que o que nos separa, porque temos o batismo, somos todos filhos de Deus. Porém, é preciso que nos amemos uns aos outros e então Cristo estará entre nós; também entre as várias Igrejas ou comunidades eclesiais. Sim, está ali e já testemunha a unidade. Então, aqueles que não conhecem Cristo - e que por vezes ficam muito escandalizados com as nossas divisões e pensam que Cristo está morto, porque estamos divididos -, ao verem estes cristãos que ainda caminham rumo à unificação total, mas desde já unidíssimos porque Cristo está entre eles, acreditarão em Jesus e dirão: "Possuem realmente a Verdade".

Sim, estes são os meus votos... (aplausos)

Devemos sair desta sala com estes propósitos; primeiro: quero amar a todos. Segundo: para amar, quero servi-los; submeto-me a todos para ter a primazia do amor. Portanto, quero fazer-me um com todos, até estabelecer a presença de Cristo no meio do mundo, deste nosso mundo, desta pequena Suíça. Pequena sob o ponto de vista geográfico, mas riquíssima de muitas qualidades, de muitos valores. Além do mais foi fundada por um santo: São Nicolau de Flue, que deseja a santificação da sua Suíça.

Então mãos à obra. Levemos Cristo, levemos Jesus, levemos Deus; a ele nada é impossível. "Confiai - disse e hoje nos repete -, eu venci o mundo". Então, veremos realmente florescer também aqui aquela "primavera" já preconizada por Pio XII e a "civilização do amor" de que falava Paulo VI. Veremos realmente também a nossa Suíça, a nossa pequena Suíça encaminhar-se por aquela "via da vida", como o nosso Papa João Paulo II define este Ideal da unidade. Vida e não palavras; vida, vida. E de resto sabemos que a Vida é Cristo. Cristo aqui no meio de todos nós, para que Cristo esteja presente... o mais possível por toda a parte na Suíça. (aplausos)